



## **VESTIBULAR INDÍGENA DA UNB: ENTRE VOOS, MARES E CONSCIÊNCIAS DESPERTAS**

**Márcia Denise Rodrigues Alves Saraiva – UnB**

### **Relatos de Experiência Internacionais e Redes de Pesquisa**

#### **1. INTRODUÇÃO**

O vestibular indígena da Universidade de Brasília não chegou à minha vida apenas como um edital, mas como um chamado, um convite para ver o Brasil a partir de outros olhos. Desde 2017, participo como coordenadora da aplicação da prova objetiva e integrante da banca de heteroidentificação durante as entrevistas. Cada edição é mais que um processo seletivo: é um ato de restituição histórica, um exercício de escuta e de deslocamento.

A experiência com o vestibular indígena me atravessou em múltiplas camadas: profissional, afetiva, espiritual e política. Foi através dele que vivi meu primeiro voo de avião sobrevoando terras que eu nunca imaginei alcançar e também a minha primeira ida ao mar, onde percebi que o horizonte não termina, ele apenas se reinventa. Esses deslocamentos corporais foram também viagens interiores, que ampliaram minha compreensão sobre a universidade, a justiça e o próprio sentido de educar.

Mais do que uma atuação técnica, minha presença nesse processo tem sido uma travessia de formação e conscientização. Cada rosto indígena diante de mim, cada palavra dita em língua materna durante uma entrevista, cada silêncio carregado de história me ensinou sobre o que Paulo Freire (1996) chama de inéditos viáveis, possibilidades de existir e de transformar o mundo a partir da dignidade e da esperança.

#### **2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

Desde 2017, acompanho as comissões do vestibular indígena da UnB, um processo realizado em parceria com a FUNAI e voltado à inclusão de povos originários no ensino superior. Como coordenadora da aplicação da prova



objetiva, aprendi que a logística do processo é também um exercício de cuidado. Cada deslocamento envolve atravessar o país com pilhas de provas, equipamentos e uma responsabilidade simbólica, a de garantir que o acesso à universidade seja um direito e não um privilégio.

Em muitas das cidades onde aplicamos as provas e entrevistas, a presença indígena é pulsante, mas historicamente invisibilizada. Ao chegar, percebo que não estou ali para avaliar, mas para encontrar. Durante as entrevistas de heteroidentificação, o silêncio das salas é atravessado por vozes que narram histórias de luta, perda e resistência. São jovens que cruzam estradas de ônibus, carro ou moto, dormindo em casas coletivas, carregando consigo a força de seus povos.

Em alguns momentos, o trabalho parece simples, ler nomes, confirmar documentos, seguir protocolos. Mas, por dentro, algo sempre se move. Foi em uma dessas viagens, ao olhar o mar pela primeira vez, que percebi que o vestibular indígena não transforma apenas quem entra na universidade, ele transforma também quem o realiza. Ali, na imensidão do mar, entendi o que Ailton Krenak (2019) afirma é preciso adiar o fim do mundo e que cada gesto de reconhecimento é, em si, um pequeno adiamento.

A cada edição, volto para Brasília diferente. Carrego nos olhos a poeira vermelha das aldeias, as falas firmes das mulheres indígenas, o riso das crianças que acompanham os pais às entrevistas. Aprendi que a universidade que eu defendo precisa caber nesses rostos e nesses sonhos, precisa desaprender para aprender de novo. Precisa descolonizar-se.

### **3. RESULTADOS/APRENDIZADOS**

Participar do vestibular indígena me ensinou que o ato de avaliar pode ser um ato de escuta e reciprocidade. Em mim, a experiência despertou uma consciência crítica sobre o papel da universidade e sobre meu próprio lugar nela. Percebi que não basta incluir pessoas se os saberes que elas carregam continuam sendo silenciados. O vestibular indígena é, para mim, um território pedagógico, um espaço onde se entrelaçam a política da presença e a ética da alteridade (WALSH, 2009).



Esse encontro constante com povos de diferentes regiões do Brasil também me revelou o quanto a educação é um processo de tradução e travessia. Como diz Gloria Anzaldúa (2004), viver nas fronteiras é aprender a habitar contradições, a falar com várias vozes e a construir pontes entre mundos que historicamente se negaram.

A experiência me impulsionou a repensar minha própria trajetória acadêmica. Foi ela que me conduziu ao doutorado, não apenas como um degrau profissional, mas como uma responsabilidade ética de continuar pesquisando, escrevendo e existindo a partir de uma perspectiva comprometida com os povos originários. Percebo que, a cada vestibular, renovo também meu compromisso com uma universidade que seja terra fértil, um espaço de encontro entre epistemologias, corpos e sonhos diversos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O vestibular indígena da UnB foi, e continua sendo, uma das experiências mais transformadoras da minha vida. Ele me ensinou que educar é acompanhar o outro na travessia, e que essa travessia nunca é de mão única, o outro também nos atravessa, nos ensina e nos refaz.

Se, no início, eu viajava como funcionária da universidade, hoje entendo que viajo como testemunha de um país plural que insiste em resistir. Em cada aeroporto, estrada e aldeia, aprendi que o Brasil é muito maior do que os mapas oficiais, ele pulsa nas margens, nos cantos e nas vozes que o Estado historicamente tentou silenciar.

Através do vestibular indígena, reencontrei meu próprio sentido de pertencimento e redescobri o poder político e espiritual da educação. Como escreveu Freire (1996), ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. Hoje sei que esse mundo que me media é também o chão vermelho das aldeias, o azul do mar e o ar rarefeito dos voos que me ensinaram a olhar o Brasil do alto, não de cima, mas com profundidade.



## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/La Frontera: The New Mestiza. In: **Feminist Studies**. Routledge, 2004. p. 653-662.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad**: Luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Abya-Yala, 2009.